

Círculo fechado

O ANO começa no Estado do Rio com uma situação esdrúxula na área da educação: por não terem sido nomeados conselheiros desde a posse do atual Governo, o Conselho Estadual de Educação não tem como funcionar, e acumulam-se os processos pedindo funcionamento de cursos e escolas, ou reconhecimento de diplomas e habilitação profissional.

NÃO deixa de ser um atestado negativo para o prestígio do conselho o fato de que até agora, pouco se notou a ausência, a não ser pelos que, por razões burocráticas, dependem da chancela dos conselheiros.

A UTILIDADE do órgão não deveria ser posta em causa. A educação é o projeto mais nobre de qualquer sociedade. Como acentua Werner Jaeger no livro "Paideia", a civilização da Grécia clássica podia ser descrita e resumida como um projeto de educação.

NÃO há, entretanto, definição cabal e final do que seja educação. Cada sociedade tem os seus objetivos, seus costumes, seus princípios; e a educação é o modo de harmonizar a realidade com esses propósitos.

ESTA é a discussão que deveria realizar-se permanentemente no âmbito de um conselho de educação. Num país como o nosso, o debate precisa passar com presteza do geral para o particular, do ideal para o concreto. A dívida do Estado brasileiro com a educação é grande demais para que se possa perder tempo em discussões estéreis ou nefelibatas. Mas discussão precisa haver; ou então se cai num padrão de educação "oficial", impositiva, que é sinônimo de mediocridade e esterilidade.

ESSES parâmetros foram sendo esquecidos na tumultuada realidade política brasileira. À medida que a educação de verdade cedia o passo, cada vez mais, a injunções políticas, os conselhos nas órbitas federal e estadual iam-se descaracterizando, transformando-se em simples reservas de cargos honoríficos, em instâncias cartoriais.

UMA certa função fiscalizadora faz parte, naturalmente, da rotina dos conselhos; mas se eles se detêm nisso, em vez de levar adiante um projeto de educação, limitam-se a corroborar o status quo, garantindo, assim, o

triunfo do conformismo que é o maior inimigo da verdadeira educação.

NO governo Brizola, como se vê, sequer essa atividade burocrática foi deixada ao conselho: por falta de integrantes, ele parou de funcionar. Eis aí, com certeza, um atestado ao modo como viesse feita a política educacional do estado: um processo que não tem debate, nem alternativas, um mecanismo que se apresenta como um projeto social mas que, da educação verdadeira, ignora as potencialidades libertadoras.

Q Governo estadual não quer conselho que discuta os seus projetos. Ou, então, debate-se na sua conhecida incapacidade para formar quadros, para aglutinar cabeças. Tudo o que faça sombra ao pensamento dirigista e centralizador é cuidadosamente posto de lado, em favor dos raciocínios automáticos, das supostas fidelidades que se transformam em escravidão.

É A descrição de um estado de espírito; de um projeto político que se consome, lamentavelmente, na sua própria indigência.